CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
3 de Novembro de 2026

O AH! DAS COISAS – O PECADO DE JOÃO PALOLO / 2020

um pequeno filme de RITA AZEVEDO GOMES

Realização, Imagem, Som, Montagem: Rita Azevedo Gomes *Com*: António Palolo, Jennifer Jones, Ernst Lubitsch (CLUNNY BROWN / O PECADO DE CLUNNY BROWN, 1946), Philip Glass (Metamorphosis Three, solo de piano), Alberto Rebelo ("Palolo, Coisa de Pintar", 1990).

Produção: Basilisco Filmes (Portugal, 2020) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca – na sala virtual "Sala de Projeção":* Maio de 2020 *Cópia*: Basilisco, ficheiro digital, cor, com texto e falas em português e inglês, 5 minutos.

A apresentar com O SOM DA TERRA A TREMER ("folha" distribuída em separado)

Como no tempo da bela no bosque adormecida? A pergunta é um dos ditos inscritos nos cinco minutos de O PECADO DE JOÃO PALOLO *É uma forma de ser*. Em resposta ou não, a frase seguinte no filme surge uns planos depois, dobrada na voz de Palolo, o artista plástico que Rita Azevedo Gomes evoca neste seu curto filme lembrando, talvez mais do que o artista (Palolo ou A. Palolo), o amigo (João Palolo). Foi um cúmplice, o artista da pintura a azul, vermelho e amarelo do genérico da sua primeira obra, em 1990, O SOM DA TERRA A TREMER. *Ao menos o azul, esse havemos de beber*. Também se lê no PECADO DE JOÃO PALOLO, embalado pela melodia do solo de um piano que podia vir dos bosques ou do azul, e que coexiste com outras imagens "em metamorfose" – CLUNNY BROWN de Ernest Lubitsch, "Palolo, Coisa de Pintar!" um programa de Alberto Rebelo sobre e com o artista.

A imagem felina de Jennifer Jones na personagem de Clunny Brown, a rapariga que mia e rebola sorridente no sofá, faz *raccord* com Palolo a voltar-se para a câmara de máscara de gato sobre o rosto. É um campo, contracampo inventado neste PECADO, criado na intersecção de outras tantas *ligações*, que em alguns momentos são, em simultâneo, sobreposição de imagens – Rita Azevedo Gomes filma ao telemóvel imagens que vê a desfilar num ecrã de computador ampliando camadas de sentido, percepção, sensações. Chamando a abertura ao mundo e mantendo o segredo, o jogo de espelhos reflecte o universo artístico de Palolo e o de Rita que por fulgurantes momentos confluem na formação de uma abstracta espiral celeste.

É um dos sete "curtos filmes" da "série" que nasceu em elogio a "o ah! das coisas" criados por Rita Azevedo Gomes para contrariar o fechamento, a inacção forçada, em casa nos períodos de confinamento por motivos pandémicos durante uns bizarros meses da vida colectiva nos quatro cantos do mundo em 2020. De Abril a Setembro desse ano, as datas fazem parte desses sete títulos – longos títulos, filmes curtos – vincando a circunstância: o de João Palolo é de 20 de Maio. O pretexto imediato foi a "Sala de Projecção" imaginada pela então também confinada equipa de programação da Cinemateca, a que pertencia Rita Azevedo Gomes. Os filmes existem sem pretexto, antes de a cineasta sair de casa rumo ao Norte de Portugal para, ainda em pandemia, filmar O TRIO EM MI BEMOL na sua adaptação livre da peça de teatro de Eric Rohmer. *É uma forma de ser*.

Maria João Madeira